

JUVENTUDE:

«Deus confia a tarefa decisiva para enfrentar os desafios do nosso tempo»

O Papa Francisco disse aos jovens “Deus confia a tarefa decisiva para enfrentar os desafios do tempo”, na audiência a alunos dum Colégio de Pádua. “Vocês, jovens, são a força da Igreja e da sociedade. Vocês têm a missão de salvar a esperança no futuro, a prepararem-se para o futuro num clima social e humano mais digno; Aa esperança de viver em um mundo mais fraterno, mais justo e pacífico, mais sincero, mais humano”, afirmou.

Numa resposta a um estudante do Ensino Superior, o Papa explicou que os desafios atuais são, “certamente, materiais”, mas “dizem respeito à visão do homem”. Ao jovem João, que perguntou sobre escolhas importantes para seu futuro, acrescentou que “há a crise de valores morais e a perda do sentido da vida”, para além dos problemas “económicos, da dificuldade de encontrar emprego e da consequente incerteza para o futuro”. “Encorajo-os a não desanimar, a terem certeza da vossa vida cristã, a pertencer a uma sociedade mais fraterna e acolhedora”, incentivou.

O Papa Francisco disse que “juventude não é passividade” mas um “esforço tenaz para alcançar metas importantes”, que “não é fechar os olhos” perante as dificuldades, mas “rejeitar a mediocridade, compromisso de solidariedade com todos, sobretudo com os mais frágeis”. Neste contexto, realçou que a Igreja conta com os jovens que “são generosos e capazes de melhores impulsos” e de sacrifícios mais nobres.

Aldo, outro estudante do Ensino Superior disse ao Papa que na escola também há lugar para as grandes questões existenciais da verdade, da justiça, da beleza, que lhes permite servir os outros. (AE1900323)

Domingo próximo

Dom. II Páscoa-C- C * 28 Abril

ler / escutar – acolher



Act. 5, 12-16

O livro dos **Actos dos Apóstolos** apresenta o “caminho” que a Igreja de Jesus percorreu, desde Jerusalém até Roma, o coração do império. No entanto, foi de Jerusalém, o lugar onde irrompeu a salvação – isto é, onde Jesus sofreu, morreu, ressuscitou e subiu ao céu –, que tudo partiu. Foi aí que nasceu a primeira comunidade cristã e que essa comunidade, pela primeira vez, se assumiu como testemunha de Jesus diante do mundo.

O texto que nos é proposto é um dos três sumários que aparecem na primeira parte



Ap. 1,9-11a.12-13.17-19

Na altura, muitos cristãos, cheios de medo, abandonavam o Evangelho e passavam para o lado do império. Na comunidade dizia-se: “Jesus é o Senhor”; mas lá fora, quem mandava mesmo como senhor todo-poderoso era o Imperador de Roma.

É neste contexto de perseguição, de medo e de martírio que vai ser escrito o **Apocalipse**. O objectivo do autor é apresentar aos crentes um convite à conversão (primeira parte – Ap 1-3) e uma leitura profética da história que os ajude a enfrentar a tempestade com esperança e a acreditar na vitória final de Deus e dos crentes (segunda parte – Ap 4-22).



Jo. 20, 19-31

João apresenta, aqui, uma catequese sobre a presença de Jesus, vivo e ressuscitado, no meio dos discípulos em caminhada pela história. Não lhe interessa tanto fazer uma descrição jornalística das aparições de Jesus ressuscitado aos discípulos; interessa-lhe, sobretudo, afirmar aos cristãos de todas as épocas que Cristo continua vivo e presente, acompanhando a sua Igreja. De resto, cada crente pode fazer a experiência do encontro com o “Senhor” ressuscitado, sempre que celebra a fé com a sua comunidade.

(base DEHON)

FOLHA DOMINICAL

divulgada pela Paróquia d

Abril
2019

Anúncio da PROCLAMAÇÃO

DOM 21

DA PALAVRA DE DEUS

HOJE

ACTOS 10, 34.37-43

Salmo 117, 1-2, 16ab-17, 22-23

COLOSSENSES 3, 1-4

JOÃO 20, 1-9

Interrogações

neste

DOMINGO

1

Eu estou a ressuscitar (porque caminho pelo mundo fazendo o bem e libertando os oprimidos), ou a minha vida é um repisar os velhos esquemas do egoísmo, do orgulho, do comodismo?

2

Esforço-me realmente por me despojar do “homem velho”, egoísta e escravo do pecado, e por me revestir do “homem novo”, que se identifica com Cristo e que vive no amor, no serviço e na doação?

3

A lógica humana ensina-nos que o amor partilhado até à morte, o serviço simples e sem pretensões, a doação e a entrega da vida, só conduzem ao fracasso e não são um caminho sólido e consistente para chegar ao êxito, ao triunfo, à glória; da cruz, do amor radical, da doação de si, não pode resultar realização, felicidade, vida plena, êxito profissional ou social.

Como nos situamos face a esta lógica?

(base DEHON)

Ressurreição «abre dimensões que não cabem na história»

O bispo de Setúbal disse que a fé na ressurreição de Jesus, elemento central na fé cristã, abre “dimensões que não cabem na história”.

“Cria novas esperanças, não simplesmente como remédio para a minha finitude, mas para um sentido da nobreza, para aquilo que eu, desde agora, sou, e se projeta para além daquilo que posso constatar”, referiu D. José Ornelas, um dos oradores nas jornadas de estudos bíblicos sobre ‘As narrativas pascais’, na Universidade Católica Portuguesa (UCP), em Lisboa.

O bispo sadino referiu na sua conferência que “é da ressurreição que nasce a universalidade da Igreja” e a sua missão.

“Estamos a falar do ser da Igreja, da sua natureza fundamental: uma Igreja parada, mesmo piedosa, não é a Igreja de Cristo ressuscitado, é uma Igreja autorreferencial, voltada para si mesma”, realçou.

O prelado, especialista no estudo da Bíblia, recordou que a dificuldade em entender a ressurreição “não é recente” e que, sem a ressurreição, a fé católica “não teria razão de ser”. Em causa, precisou, esta “uma visão nova da existência”, uma “perspetiva vital e identificadora” da comunidade cristã que dá sentido

“a uma compreensão de Deus”.

“A comunidade só se reúne porque Cristo está vivo”, observou D. José Ornelas. (AE190405)

Rejeitar o «legalismo». JESUS abre novos caminhos.

O Papa Francisco disse que os católicos devem rejeitar o “legalismo” e evitar as “pedras” de condenação sobre os outros, como ensinou Jesus Cristo.

“Os interlocutores de Jesus estão fechados na estreiteza do legalismo e querem trancar o Filho de Deus na sua perspectiva de julgamento e condenação. Mas Ele não veio ao mundo para julgar e condenar, mas para salvar e oferecer às pessoas uma nova vida”, declarou, perante milhares de peregrinos reunidos para a recitação do ângelus, na Praça de S. Pedro.

A intervenção partiu de um episódio dos Evangelhos, no qual Jesus é confrontado sobre a legitimidade de apedrejar uma mulher apanhada em adultério, como previa a lei judaica – embora os ocupantes romanos proibissem qualquer linchamento popular.

O Papa sublinhou que Jesus Cristo apelou à “consciência” de quem o questionava, arvorando-se em “paladinos da justiça”, para que compreendessem a sua “condição de homens pecadores, que não podem arrogar-se o direito de vida ou de morte sobre um seu semelhante”.

“Quando falamos mal dos outros, atiramos pedras”, advertiu Francisco.

A intervenção deixou aos presentes o desafio de tomar consciência da sua própria condição de “pecadores”, deixando “cair das mãos as pedras do denegrir e da condenação que, às vezes, queremos atirar contra os outros”.

O pontífice sublinhou que o ensinamento de Jesus abriu um caminho novo, de “misericórdia”, para que todos os que pedirem perdão possam “começar uma história renovada”, numa vida “nova, bela, livre do pecado, generosa”.

O Papa propõe um caminho de “discernimento” para os católicos recasados, sublinhando que não existe uma solução única para estas situações. (AE190407)

Calendário e LITURGIA

A PALAVRA

diariamente

SEGUNDA 22

Elas aproximaram-se, abraçaram -Lhe os pés e prostraram-se diante d’Ele.

Mateus 28, 9

Exaltarei o Senhor que me guia e me conduz.

Salmo 15, 7

TERÇA 23

“Vi o Senhor.”

João 20, 18

O nosso espírito aguarda o Senhor.

Salmo 32, 20

QUARTA 24

Foi então que se lhes abriram os olhos e O reconheceram.

Lucas 24, 31

Que se alegrem os que procuram o Senhor.

Salmo 104, 3

QUINTA 25

”Assim está escrito que o Messias havia de sofrer e de ressuscitar dos mortos ao terceiro dia e que havia de pregar-se em nome d’Ele o arrependimento e o perdão dos pecados.”

Lucas 24, 46-47

Como é grande o vosso nome em toda a terra.

Salmo 8, 2a

SEXTA 26

“É o Senhor.”

João 21, 7

É eterno o seu amor.

Salmo 117, 1

SÁBADO 27

“Ide a todo o mundo e proclamai a Boa Nova a todas as criaturas.”

Mateus 16, 15

A mão do Senhor fez obras de prodígio.

Salmo 117, 18

Papa emérito, Bento XVI, diz que crise na Igreja alastrou com o «colapso» dos padrões morais

O Papa emérito Bento XVI afirmou que a cimeira sobre os abusos sexuais que decorreu no Vaticano é um “forte sinal” para tornar a Igreja “novamente credível” e considera que o desenvolvimento da pedofilia aconteceu a partir dos anos 60.

De acordo com o portal de notícias do Vaticano, o Papa Emérito escreveu um texto para a revista alemã ‘Klerusblatt’ no contexto da realização da cimeira sobre os abusos de poder, por iniciativa do Papa Francisco e que reuniu presidentes das Conferências Episcopais de todo o mundo no Vaticano, no mês de fevereiro.

“Era necessário enviar uma mensagem forte e procurar um novo começo, com tal de tornar a Igreja novamente credível, como uma luz entre os povos e como uma força ativa contra os poderes da destruição”, escreve Bento XVI a respeito do encontro no Vaticano.

O Papa Emérito refere que o abuso sexual de menores tem de ser compreendido num “contexto societário mais amplo da questão”, com origens na revolução de 1968 e na transformação “sem precedentes” que aconteceu entre os anos 60 e 80 do século passado, quando os “padrões vinculantes relativos à sexualidade entraram em colapso por completo”

Bento XVI fala em “ausência de normativa” no âmbito da sexualidade e no “colapso” da Teologia Moral católica, que “deixou a Igreja desamparada diante dessas mudanças na sociedade”.

Para o Papa emérito, os graves problemas que a Igreja Católica atravessa poderiam colocar a questão de ser necessário “criar outra Igreja”, mas “essa experiência já foi feita e já falhou”.

“Por que a pedofilia atingiu tais proporções? A razão é a ausência de Deus”, sustenta o Papa, acrescentando que também os cristãos, nomeadamente os sacerdotes, preferem “não falar de Deus porque esse discurso não parece ser prático”.

“A tarefa principal, que deve resultar das convulsões morais de nosso tempo, é que novamente comecemos a viver para Deus e sob Ele”, sublinha o Papa emérito.

Bento XVI termina as suas reflexões agradecendo ao Papa Francisco por tudo que ele faz para mostrar sempre “a luz de Deus que, mesmo nos dias de hoje, não desapareceu”. (AE190411)

Papa alerta para tentação do «triumfalismo» e fala em batalha contra o Mal na Igreja

O Papa Francisco presidiu à celebração do Domingo de Ramos, que dá início à Semana Santa, e alertou para a tentação do “triumfalismo”, a que se opõe o “caminho da humildade”.

“O triunfalismo vive de gestos e palavras, que não passaram pelo crisol da cruz; alimenta-se da comparação com os outros, julgando-os sempre piores, defeituosos, falhados... Uma forma subtil de triunfalismo é a mundanidade espiritual, que é o maior perigo, a mais pérfida tentação que ameaça a Igreja”.

Francisco apresentou a Paixão de Jesus como “modelo de vida e de vitória contra o espírito do mal”, que todos os cristãos devem seguir, num “confiante abandono ao Pai e à sua vontade de salvação, de vida, de misericórdia”. A intervenção assinalou que, para chegar ao “verdadeiro triunfo”, é preciso “dar espaço a Deus”, através do “esvaziamento de si mesmo”.

O Papa falou numa “noite da fé”, nos momentos do sofrimento, que permite o despontar da “aurora da ressurreição”. “Nos momentos de escuridão e grande tribulação, é preciso ficar calado, ter a coragem de calar”, sustentou.

O Papa falou num combate com o “demónio”, que surge com maior força quando a Igreja Católica parece estar “mais frágil, mais humilhada”. “Será necessário resistir-lhe em silêncio, conservando a posição, mas com a mesma atitude de Jesus”, apontou.

Ele sabe que a guerra é entre Deus e o príncipe deste mundo, e não se trata de empunhar a espada, mas de permanecer calmo, firme na fé. É a hora de Deus. E, na hora em que Deus entra na batalha, é preciso deixá-lo agir”. (AE190414)